

Múrias, Cláudia e Koning, Marijke de (Coord.) (2012), *Lideranças partilhadas: Percursos de literacia para a igualdade de género e qualidade de vida*, Porto, Fundação Cuidar O Futuro e Livpsic¹, 330 páginas.

Eunice Macedo e Amélia Macedo

Instituto Paulo Freire de Portugal, CIIE- FPCEUP, Associação Espaços:
Projetos Alternativos de Mulheres e Homens / Instituto Paulo Freire de Portugal

Em *partilha de lideranças*, a responsabilidade autoral enriquece a obra com distintos olhares de apropriação teórica e prática. Como lógica orientadora, a passagem duma visão da liderança autocrática, duma história no masculino, como enfatiza Luiza Cortesão, no prefácio, a uma liderança democrática participativa, *com* o feminino. Helena Araújo, no posfácio, refere que o livro releva as lideranças partilhadas, «liderança duma outra natureza» que questiona e problematiza (p:324). Obra que vale a pena ler, organiza-se em três partes: a primeira centra as raízes do projeto retratado, a segunda interpela teoria e prática, e a terceira avalia, entre testemunhal e reflexiva.

Na introdução, Claudia Múrias e Marijke de Koning acentuam a «pluralidade de vozes» e destacam argumentos.

¹ A obra em análise foi produto do projeto *Literacia para a Igualdade de Género e Qualidade de Vida Lideranças Partilhadas*, cujas avaliadoras externas foram Eunice Macedo e Amélia Macedo, no âmbito da parceria entre a Fundação Cuidar O Futuro e o Instituto Paulo Freire de Portugal. Detalhes sobre a obra podem ser consultados no Relatório do Projeto.

O texto de Marijke de Koning substantiva a *intervisão* no projeto destacando-se pela originalidade. Freiriana, em lugar *nómada*, antevê *possibilidade* e desafia-nos a *reencaminhar*. Contrapondo *afetos* à liderança *messiânica*, propõe uma racionalidade *outra*, como *forma humana de saber*², subjetiva e comunicacional. Afirma olhares femininos nos trajetos da FCF e explora *aprendizagem pela conversa com conscientização*; um paradigma de liderança sustentado na amizade, *enquanto forma de luta*³. Mostra caminhos, busca *inovação social* para ultrapassar o vazio, como lugar já referenciado por Giles Lypovetsky nos anos 80, em *A era do vazio*.

Ine van Emmerik enraíza-se em genealogias feministas, como *tradição emancipatória*⁴. Passa da visão linear a uma proposta de *circularidade* que permite construir lideranças na reflexão sobre a experiência; cada pessoa, sujeito em processo – a *palavramundo*⁵ complementada com a leitura do mundo interior. Articula Arendt e Maria de Lourdes Pintasilgo (MLP), no *encontro entre literacia e aprendizagem na condição humana* – percurso agido, em renascimentos relacionais. Cruza *aprendizagem pela conversa*, na *transição entre ordem e surpresa*. A máxima socrática, que *faz nascer* ideias, induzindo respostas, é ressignificada no feminino, no reconhecimento autónomo do saber pessoal.

Perguntar o que estamos mesmo a fazer é o desafio de *Whitespace, intervision and shared agency*, da mesma autora. A *intervisão* dá forma à *agência partilhada*, num contexto de ressignificação da profissionalidade, acentuação da tensão entre autonomia e controlo e apelo ao currículo de vida oculto nos *espaços em branco* da narrativa individual.

Jeannette Claessen situa *comunicação autêntica*, associando *comunicare* a *criar comunidade*. Sustentando-se nas «palavras do coração» para exprimir desejos e necessidades, reporta-nos à proposta de Maria Zambrano da tomada da palavra do coração, na maiêutica para uma nova razão, sustentada nos afetos⁶. Desenha-se uma forma de comunicação, em «conexão conosco mesmos/as» e na escuta *com* reconhecimento. A criação de comunidades emerge de experiências de arte comunitária.

Kerstin Jacobson inicia o segundo bloco com *possibilidade*. Sustentada na *moralidade cívica* durkheimiana, vai além da análise dos mecanismos de desigualdade e de exclusão social. Reflete sobre a Suécia contemporânea «apesar da pluralidade de formas de vida» (p. 116), propósito que parece associar diversidade e desvantagem. Além da relação com o estado, *cidadania* suporta-se numa consciência cívica relacional *com* individuação. Emerge *solidariedade da autonomia*.

² Fernanda Henriques apela a este conceito em «As teias da razão: A racionalidade hermenêutica e o feminismo» na obra organizada por M. Luísa Ribeiro Ferreira *As teias que as mulheres tecem*, de 2003.

³ Ideia central ao texto de Valerie Hey, na *ex æquo* 7, de 2002.

⁴ Categorização utilizada por Madeleine Arnot, em *Gender voices in the classroom*, em 2006, distinguindo tradições no uso da voz.

⁵ Paulo Freire estabelece, com este neologismo, a articulação inalienável entre palavra e mundo.

⁶ Andrea Peniche e Eunice Macedo exploram este tema, em 2004, na recensão duma obra de Maria Zambrano, na *ex æquo*, 9.

Em *Produzir conhecimento a partir das pessoas* Teresa Toldy debate questões caras ao movimento feminista, com Dona Haraway, Sandra Harding, bell hooks e Chandra Mohanty. Argumenta pela autonegação. O conhecimento é situado, parcial, parcelar, incompleto e as/os sujeitos plurais. Que vozes se fazem ouvir na produção de conhecimento? Conhecer a partir das pessoas avoca a diversidade e complexidade de léxicos, mapas conceituais e vozes, que uma só linguagem não pode comportar.

Num paradigma de incertezas, Hugo Monteiro interroga o «diálogo como instância de troca e negociação de sentido» (p. 165), tendo em conta o poder subjacente à legitimação de diferentes racionalidades. Afirma o papel da *implicação* na produção de saber. Situa o projeto em justiça e democracia, como Iris Young⁷. Explora *autoridade* e *liderança*, num quadro ético e político, com MLP. Vê a *autoridade produtiva* relacional exterior ao sujeito como paradigma mais útil a lideranças partilhadas. Cabe «fazer com que a realidade fale nela, por ela e (...) apesar dela» (p. 177).

Liliana Lopes explora o papel do/a trabalhador/a social na promoção da qualidade de vida. A implicação de diversos/as agentes/atores, atinente a interesses particulares, interage com outros níveis de regulação, na «interpretação, apropriação e contextualização local das ideologias políticas» (p. 183). Apela a um desenvolvimento humano sustentável, com igualdade de género. Dá realce ao *reconhecimento de si*, à orientação ideológica no trabalho social e às configurações intersubjetivas na construção de mudança social responsável.

Cláudia Múrias e Raquel Ribeiro focam desigualdades, estereótipos e papéis de género, em diversas esferas. O *género* interfere na *liderança*. «Construindo a igualdade de género enquanto dimensão da qualidade de vida» (p. 216) assume uma dimensão mais analítica e esperançosa. As autoras suportam-se em MLP para enraizarem *qualidade de vida* com dimensões subjetivas.

Aprender pela conversa: assim como e depois?, de Eunice Macedo e Amélia Macedo, parte dum paradigma de intervisão, como *amigas críticas* aprendentes. Questiona a *aprendizagem pela conversa*, *pressupostos*, *procedimentos* e potenciais *impactos* nas vidas das pessoas e instituições. Cruza *aprendizagem pela conversa*⁸, *conscientização*, *voz* e *democracia inclusiva* através da *comunicação*. Articula os *workshops* observados com construção de literacias, asserção de voz, comunicação e democracia, em transformação.

A terceira parte da obra, *Ancorando experiências plurais* começa com retalhos sobre a exclusão das mulheres. António Nunes focaliza o contexto português, num texto «despretensioso». Acentua como projetos como o que aqui se reflete, contribuem para a desconstrução de *clichés* (*sic*) sobre as mulheres construídos no

⁷ Na linha de *Inclusion and democracy*, de 2002.

⁸ Expressão que traduz a denominação utilizada por Ann Baker, Patricia Jensen e David Kolb em *Conversation as experimental learning*, de 2002.

Estado Novo. Defende a viabilidade duma *ponte histórica* pela visibilização de percursos femininos de resistência.

A *construção de lideranças num contexto de (in)diferença* testemunha transformação organizacional pela participação. Fátima Veiga preocupa-se com *exclusão social*, num quadro de retrocesso legal, simbólico e histórico «em termos de direitos adquiridos» (p. 254) centrado no reforço do *masculino*. Contextualiza as representações acerca da utilidade social das mulheres, que articula com o apoio da EAPN a pessoas em situações de desfavorecimento. Como participante, reflete sobre *tópicos, motivação, dominância do feminino e metodologia*.

Pela mão de Ionut Cosmin Nada, acedemos à dimensão mais humana do trabalho. Num texto autobiográfico, este jovem romeno assume o olhar como imigrante acolhido no seio de outro povo. Vê a sociedade portuguesa como *possibilidade*. Reflete sobre a metodologia do projeto. Elabora sobre igualdade e partilha de lideranças e o seu percurso de literacia. Examina *lideranças partilhadas e qualidade de vida*. Na primeira pessoa, termina: «Ganhei (...) uma consciência *outra* tanto em relação aos temas tratados, como em relação às minhas práticas e ações quotidianas» (p. 284). Que melhores resultados?

Filiada na *Sementes de Futuro* e jornalista, Filipa Júlio inspira na partilha duma experiência distinta de outras ações – a *arte* como meio e fim da expressão pessoal. Permite realçar o potencial apropriativo do projeto. Uma efetiva intertextualidade cobre imagens, texto escrito e *voz...* a mensagem de continuidade na máxima *Transformamos, transformando-nos, cultivamos, cultivando-nos, visando a sustentabilidade do projecto social*» (p. 295).

O texto de Raquel Ribeiro e Cláudia Múrias discute o contributo do projeto. Cruza dados percentuais e *vozes*. Aborda a metodologia. Evidencia a diversidade das pessoas participantes, motivações, enriquecimento pessoal e mudança de atitudes e práticas. Acentuando os efeitos transformadores do projeto, permite a reflexão para futuro.

Helena Araújo, no posfácio, assume deixar-se seduzir por algumas das linhas do livro. Acentua novos «registos duma linguagem que sublinha o que se procura de novo» (p. 323).

Como avaliadoras externas, que dialogaram com o projeto, congratulamo-nos também com o aval dado à equipa, quando questionadas quanto ao potencial valor da obra para publicação.